

Nota introdutória¹

Luiz Moreno Guimarães Reino,² São Paulo

O tema “conflito de gerações” era frequente na psicanálise brasileira no início de 1970. Por meio dele, investigava-se alguns fenômenos sociais recentes na época. Fenômenos que pareciam ter um traço recorrente: propunham algo novo, mas também rompiam com a tradição.

Nos anos 1950, nascia a “geração *beat*”; nos 1960, de certa forma, sucedendo aos *beatniks*, surgiam os *hippies*; o festival de Woodstock, por exemplo, ocorreu em 1969, a pleno vapor do “movimento *hippie*”, ou melhor, a pleno paz-e-amor. Em paralelo, pipocavam pelo mundo as “revoltas estudantis”, na maioria em 1968. Isso para mencionar apenas os acontecimentos que ficaram mais conhecidos. Tal como o nosso, era um tempo de intensas transições: em que ocorria uma passagem de gerações e, concomitantemente, essa mesma passagem se problematizava.

Essa atmosfera deu ensejo à composição de dois extensos relatórios com títulos quase idênticos. Um da SBPSP “Conflito de gerações” (Uchôa, 1973), que analisava os movimentos *beats*, *hippies* e *yippies*. E outro da SPRJ “O conflito das gerações” (Schneider et al., 1973), que propunha uma leitura mais ampla da problemática geracional. Ambos foram publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* (vol. 7, ns. 2 e 3, 1973).

O relatório da SPRJ causou um impacto considerável, e isso ocorreu sobretudo pela forma como concluía o texto. Seu percurso argumentativo era o seguinte: os autores começavam abordando os aspectos históricos e antropológicos do conflito de gerações (tão antigo quanto a humanidade); passavam em seguida a definir analiticamente as noções de conflito e de geração; depois se detinham no estudo do desenvolvimento sexual, com ênfase no período da adolescência; para, ao final, tratarem do conflito geracional nas instituições psicanalíticas. “É necessário estudar a crise e as causas da crise na estrutura das sociedades de psicanalistas” (Schneider et al., 1973, p. 303). O artigo que

1 Agradecemos à Monica Salibe, pelo apoio na pesquisa; e à Irene Pereira, pela ajuda com o material do Centro de Documentação e Memória da SBPSP.

2 Membro filiado do Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

selecionamos, publicado no mesmo número da RBP, seguiu o caminho aberto por esse relatório.

Cesar Ottalagano, Gecel Szterling e Fajga Szterling haviam participado do IV Congresso Brasileiro de Psicanálise, que tinha dois eixos principais: o conflito de gerações e a emergência de novas ideias. A perspicácia dos autores foi, em vez de aceitarem a separação dos assuntos, simplesmente juntá-los em um só. Aliás, essa é a técnica freudiana por excelência: aquela que “põe abaixo a parede divisória que o paciente tentou erguer” (Freud, 1913, p. 186). Formando assim a sua pergunta disparadora: como o conflito de gerações, no interior da instituição psicanalítica (no caso, da SBPSP), impede o surgimento de ideias novas?

Tema difícil de escrever, difícil de ler e de debater – ainda mais naquela época. Os autores, contudo, mantiveram o cuidado, a lucidez e a elegância mais que precisas. Sem caricaturar e sem sacralizar os nossos impasses. Resulta disso que o artigo transmite um estilo, um modo de lidar com as questões que são, ao mesmo tempo, geracionais e institucionais. “A verdade, mesmo sob a forma de crítica”, citam os autores, “é a bondade em sua condição mais alta”.

Boa leitura.

Referências

- Freud, S. (2010). O início do tratamento. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Schneider, G. et al. (1973). O conflito das gerações. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 7(3), 263-320.
- Uchôa, D. (1973). Conflito de gerações. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 7(2), 141-185.

Luiz Moreno Guimarães Reino

luizmorenog@gmail.com